

**A virtude da Arteterapia em
mobilizar o autocuidado
no papel da maternidade**

Autora: Joselita A. de Souza Godoi

A virtude da Arteterapia em mobilizar o autocuidado no papel da maternidade

Joselita Aparecida de Souza Godoi¹

Eliana Moraes²

Mariana Farcetta³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo valorizar e intensificar o autocuidado da mulher no papel da maternagem, apresentando a importância da arte como potência do registro e reconhecimento do manifesto da mulher. Relacionar a Arteterapia e o grupo arteterapêutico na relação da escuta e movimentação da reflexão do feminino nos dias atuais.

Palavras-chave: Arteterapia, maternidade, autocuidado, amor.

ABSTRACT

This research aims to value and intensify women's self-care in the role of mothering, presenting the importance of art as a power of registration and recognition of women's manifesto. To relate Art Therapy and the art therapy group in the relationship of listening and movement of the reflection of the feminine in the present day.

Keywords: Art therapy, maternity, self-care, love.

INTRODUÇÃO

A arte é compreendida como uma forma de expressão do ser humano, a qual se apresenta como um meio de comunicação e linguagem simbólica, sendo um produto da intuição e da observação, do inconsciente e consciente, da emoção e do conhecimento, do talento, da técnica e da criatividade (CARVALHO, 2000). As representações artísticas se relacionam com uma época e cada imagem pode estar relacionada a um contexto histórico pessoal ou coletivo. A pintura moderna imaginativa será discutida apenas como um fenômeno da nossa época e é a única maneira de justificar e explicar o seu conteúdo simbólico (JUNG, 2016).

A Arteterapia insere-se dentro de um contexto de exploração criativa e valorização do sensível, viabilizado por meio da utilização dos recursos artísticos expressivos. Desta forma, a interação inata entre o sujeito e o mundo dos fenômenos é descoberta (ou resgatada) e integrada por meio do ato criativo e do produto da criação no contexto propício ao desenvolvimento do sujeito e dos acontecimentos, ou

¹ Joselita Aparecida de Souza Godoi- Pós graduanda em Arteterapia no Instituto Faces/ e-mail joseli....

² Eliana Moraes. Currículo do professor e e-mail

³ Mariana Farcetta. Currículo do professor e e-mail

seja, no contexto arteterapêutico. O universo da arte é fonte de transformações, e o sujeito criador é aquele que dá forma ao incorpóreo. Nessa conexão, a vida tende a pulsar e possibilidades várias de compreensão da natureza das coisas e do ser humano fazem-se iminentes. Sendo assim, a arteterapia caracteriza-se por possibilitar que qualquer indivíduo entre em contato com seu próprio universo interno, com aqueles que estão à sua volta e com o mundo (FIGUEIREDO, 2011).

A arteterapia, proporciona o indivíduo, possibilidades de criações sem um julgamento de critérios dos cânones artísticos, mas sim libertá-los das amarras da fala solo, é o espaço que cria uma rede, ampliar o manejo, observar o material e proporcionar que cada indivíduo participante encontre seu próprio significado interior a partir dos resultados. Entretanto, para além dos benefícios listados pela teoria da Arteterapia, a experiência com esse processo é absolutamente individual e desperta benefícios singulares em cada um que se propõe a experimentá-lo. Sendo assim, as respostas de cada paciente foram sintetizadas e traduzidas nas imagens que compuseram a exposição, através de variadas linguagens da arte, no preparo para o fechamento deste ciclo (REIS, 2014).

Entretanto, para além dos benefícios listados pela teoria da Arteterapia, a experiência com esse processo é absolutamente individual e desperta benefícios singulares em cada um que se propõe a experimentá-lo. Sendo assim, as respostas de cada paciente foram sintetizadas e traduzidas nas imagens que compuseram a exposição, através de variadas linguagens da arte, no preparo para o fechamento deste ciclo (COQUEIRO et al., 2010).

O que é realmente importante, na verdade, é o encontro direto do indivíduo com a obra de arte. No entanto, para o psicólogo que está preocupado com o conteúdo simbólico da Arte moderna, o estudo desses textos é muito instrutivo. Por essa razão, sempre que possível, será permitido que os próprios artistas falam por si mesmos na discussão que segue (JUNG, 2016).

Sendo assim a maternidade no século XXI enfrenta diferentes obstáculos, a cada década a mulher vem conquistando seu espaço, mas a mulher que escolhe ter a família, filhos é sempre vista com a maior responsabilidade de cuidar, mas quem cuida dessa mulher, onde ela encontra o espaço humanizado para ouvir suas dores. O patriarcado, diferente do que é pregado, ainda é majoritário, não é evidenciado, o trabalho da mulher no cuidado com os filhos, na organização da moradia, no mercado de trabalho, salários são em sua maioria o menor pago para as mulheres. No século

XX muitas conquistas como o voto, direito do trabalho, estudo, foram adquiridos, esse processo de conquista das mulheres precisa ser refletido e apresentado às mulheres de hoje, que estão em um processo de maternidade ou no início da vida conjugal, que esses direitos adquiridos não podem perder espaço. O autocuidado pelo sagrado feminino precisa ser revisitado a cada instante. A espiritualidade da mulher acima de qualquer crença, necessita ser o próprio eu interior (COSTA, 2018).

A mulher do século XXI, está a cada dia produzindo sua própria história, está inserida em muitas demandas e cada uma delas, reflete o seu conhecimento cultural, pessoal e didático. A família vivida reflete no papel da mãe que hoje impressiona nas escolhas feitas, um papel de chefe de família, profissional, o seu sagrado feminino elaborado em seu íntimo, necessita dos encontros de sua persona para assim representar o que tem de melhor, a mulher que habita em seu ser. Visto que a cada dia, esse sagrado feminino não reflete sua potencialidade, a arteterapia seria o caminho de observar as possibilidades e conectar o eu feminino nos padrões tão pré-definidos pela sociedade moderna (QUEDNAU, 2007).

O arquétipo da mãe costuma ser referido como o inconsciente, sobretudo em seu aspecto maternal, que envolve o corpo e a alma. A imagem da mãe não representa apenas um aspecto do inconsciente, ela é um símbolo para todo o inconsciente coletivo, que contém a união de todos os opostos. A mulher em situação de vulnerabilidade social e emocional não encontra esse espaço na sua vida pessoal. A demanda do dia a dia faz com que a escassez do sentimento seja constante. Sua espiritualidade é frágil e a mulher insiste em uma religiosidade e grupo patriarcal. Esquecendo assim do seu sagrado espaço feminino, suas habilidades emocionais de olhar e fazer suas próprias escolhas (JUNG, 2016).

ANÁLISE DE DADOS

Essa pesquisa foi destinada a mães de crianças e adolescentes do Centro de Atenção Psicossocial CAPS, Santa Isabel - SP. Após o estudo na disciplina de estágio, acompanhado pelo olhar da orientação dos professores(a), chegou-se a conclusão que seria importante o atendimento a mães que encontram-se em momentos de vulnerabilidade emocional. O CAPS é um local de acolhimento e atendimento de saúde, aberto para pessoas com alguma doença psíquica ou transtorno mental, o local também acolhe aqueles com necessidades decorrentes do álcool ou do uso de drogas

ilícitas. O CAPS na cidade Santa Isabel, atende em especial crianças e jovens. As mães desses pacientes, ficam o tempo ociosas na espera do atendimento dos seus filhos, assim foi pensado e escolhido esse grupo, dessa forma o atendimento arteterapêutico possibilita uma amplitude de linguagem que permite e facilita ao paciente/participante encontrar caminhos menos dolorosos para expressar seu universo interior, reduzindo as defesas verbais e abrindo as portas para um mergulho mais profundo, confiante e seguro na alma humana.

As mulheres Convidadas a participar dessa pesquisa, são mães de pacientes que se encontram em situações de sensibilidade na saúde psíquica e doenças crônicas por uso de drogas ilícitas, elas são mães que não conseguem encontrar um tempo para falar das suas dores, sempre julgadas, não são acessadas, não reconhecem suas histórias e menos ainda refletem a sua importância em uma sociedade hoje mais libertária e feminina.

O objetivo principal era dar espaço e escuta, aquelas mulheres que procuram sempre uma oportunidade de ajuda e acolhida para seus filhos, mas geralmente estão à margem do atendimento emocional e social. A luta da maternidade é diária, dar um espaço de pausa reflexiva nesse papel, arquétipo da mãe poderosa, forte, mas que na verdade apresenta inúmeras fragilidades, encorajá-las a dar sequência a não só esse papel da mãe e sim dissociar-se da maternidade e ingressar amorosamente no feminino que habita em cada uma. As mulheres geralmente insistem que precisam dar “conta de tudo”, mas isso é imaginário, não há uma norma estabelecida para isso ser superado a cada dia. Mostrar esse alcance com diferentes perspectivas, pensamento de troca e positividade sem comparações entre elas e sim uma unificação de momentos, para a aprendizagem partir do real, do papel antes de tudo do feminino que habita em cada um.

Portanto, realizar esse estudo de forma humanizada e acolhedora, proporcionando a esse determinado grupo de mães o apoio, atendimento e a terapia de forma integral, apresentando o significado da simbologia da Arte e sua compreensão pessoal.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Esse trabalho deu-se início em 02 de maio de 2022 até 03 de outubro de 2022, durante o estágio supervisionado em Arteterapia Sistêmica pelo Instituto Faces. A pesquisa foi realizada em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) na cidade de Santa Isabel - SP e foi destinada às mães de pacientes atendidos por esta instituição. As participantes foram escolhidas pelos coordenadores e psicólogos da instituição, pois ficavam no local de atendimento enquanto seus filhos eram atendidos, tornando-se um público ativo, porém não em processo terapêutico até o momento desta pesquisa.

A proposta inicial seria realizar-se grupo arteterapêutico, de modalidade 'fechado' com até 10 mães, uma vez por semana com duração de duas horas. Porém, com o decorrer dos encontros, percebeu-se a necessidade da mudança para um grupo aberto. Então, o grupo de mulheres atendeu em média 06 mães, na modalidade aberta. O plano arteterapêutico foi desenvolvido em três etapas: no primeiro momento, desenvolvimento do vínculo grupal e observação das reflexões pessoais. Segundo momento, desenvolvimento de práticas de pertencimento e reconhecimento feminino e por último, reflexões de união, pertencimento e acolhida da mulher e da maternidade.

Os materiais utilizados foram papéis diversos, tintas guache e aquarela, lápis de cor, tintas, giz pastel e cera, argila, massa caseira, tecidos, penas, caixas de som e livros para contação das histórias e contos.

Dados sobre o grupo:

Mulheres	Idade	Estado Civil	Religião	Sintomas de ansiedade e/ ou tratamento com medicamento	Escolaridade	Profissão
Inês Pontes	53	casada	católica	Dor na Alma (ansiedade)	Ensino fundamental , incompleto	do lar
Irene	38	casada	católica	-	-	cabeleireira
Claudiana	-	casada	-	-	-	do lar
Gerusa	-	casada	-	-	-	

Jaqueline	33	casada	evangélica	-	Ensino médio	
Maria José	54	viúva	evangélica	Coluna	Tecnólogo contabilidade	Porteira
Priscila	40	divorciada	Católica não praticante	Tratamento da coluna e ansiedade	Ensino médio	do lar
Thais	30	solteira	evangélica	-	superior completo	Auxiliar administrativo

O objetivo dos encontros era motivar o autocuidado, o papel do feminino e o reconhecimento do protagonismo da mulher. Serão apresentadas algumas sessões que se destacam pelos resultados apresentados diante do objetivo tal do plano arteterapêutico.

Encontro 03:

No início do encontro foi realizada a sensibilização com um som ambiente e respiração e relaxamento, foi solicitado uma escuta aberta e sem julgamentos para a história que iria ser apresentada. No final da sensibilização, todas sentaram-se e ouviram histórias de personalidades femininas como Frida Kahlo. A vivência potencializou encarar o sucesso pessoal integrando o vínculo através dos sonhos e o empoderamento de cada participante, mobilizar a essência através dos símbolos foi o ponto de partida. Foi assim que realizaram uma mandala abordando suas histórias, conquistas e sonhos até aquele momento. A participante Maria José, disse: *“Adoro dançar, mas por enquanto não tenho tempo para esse luxo, estou dedicada ao cuidado do meu filho caçula, seria importante eu ter alguém para ajudar a cuidar dele.”* A participante Irene também comentou: *“Desejo abrir um salão, voltar a trabalhar.”* deixando claro o desejo de ter autonomia em suas escolhas. A participante Geresa disse: *“Estou feliz por poder encontrar minhas filhas no abrigo, hoje foi aniversário da minha filha e eu fui visitá-la.”* Este encontro gerou reflexões como maternidade, cuidado com o outro e a percepção do papel da mulher associado incondicionalmente à figura materna.

Encontro 06:

O sexto encontro foi inspirado na história de Michelle Obama. Através da técnica de sensibilização, fizemos algumas respirações e relaxamento do corpo e tronco. Na sequência, expliquei a importância do contato com a nossa história pessoal, importância de termos um contato assertivo com a nossa busca interior. As mulheres presentes, lembraram de vários momentos importantes da sua adolescência, fase do namoro e casamento. Então convidei para desenharem a Linha da Vida, ali seria importante o recurso de materiais como folhas A3, canetinhas, lápis de cor para expressarem cada momento importante para ser apresentado no final do encontro. Após a vivência, cada uma contou e escutou a história de cada participante e refletiu-se sobre o medo de encarar seu próprio enredo, as participantes narram trechos emocionantes de suas vidas. A arte ali, foi o catalisador de sentimentos, a porta para a mudança da escuta estava aberta a partir dali. Durante as apresentações, pediram para eu ler, percebi ali que a linha havia trazido memórias ocultas, e que naquele momento não estava fácil reviver. A escuta estava atenta, e as participantes conectaram-se com algo que foi bom diante de cada história. Por fim encerramos com uma frase, ficamos juntas pensando nas adversidades que a vida nos mostra, seria importante não desistirmos e na sequência nos despedimos.

Encontro 10:

Neste momento das sessões, foi escolhido para trabalhar com os participantes a história de Fátima, a fiandeira. Esse conto narra a história de uma mulher que perde muitas coisas ao longo da sua trajetória, mas que no final ela amarra todo seu conhecimento e é reconhecida por seus dons. A escolha da história abriu o diálogo da esperança entre as mulheres, todas temos algo a acrescentar, nada é em vão. Na sequência convidei a dialogarem com a técnica do mosaico, que mostra exatamente esse pensamento, cada parte do mosaico poderia ser um pedacinho da história que seria reconectada com outras partes e gerar ali um todo. Os materiais disponíveis para a vivência foram: E.V.A, cola, papel A3, lápis de cor, canetinha e cola. Essa vivência pontuou o que era mais importante naquele momento: o vínculo grupal. As mulheres uniram suas habilidades e cortaram os pedacinhos, não se preocuparam com resultado e sim na ação colaborativa. E forma sem pretensão nenhuma, colar, combinar as cores e o resultado foi satisfatório. Abordamos e encerramos esse encontro, falando da ajuda mútua, o quanto cada parte, dá um todo, que somos todos

parte de um ciclo, e que podemos juntar nossos talentos que o tempo para cada um tem a sua importância individual. As participantes falaram uma palavra e ali nos despedimos.

Encontro 16:

Estamos chegando ao momento de encerramento deste ciclo arteterapêutico, e para esse encontro, foi escolhido falar do tempo, sua preciosidade, finitude, cumplicidade do tempo para cada um. A forma que o tempo é escutado, elaborado para cada participante, é de uma forma, não existe regras ou padrões e sim reflexões do que foi entendido e aprendido em cada momento dedicado às novas experiências.

Foi apresentado na sensibilização, a música Tempo de Maria Gadú e para reflexão conjunta, a obra de Salvador Dalí a persistência da memória. Após a análise da imagem e contemplação da letra musical, as participantes foram convidadas a desenharem e escreverem sobre como o tempo reverbera em cada uma. Lancei algumas perguntas norteadoras para uma abertura limpa e investigativa do olhar pessoal.

As perguntas falavam sobre o tempo dedicado nas vivências arteterapêuticas, também foi levado questões sobre o que cada uma já fez nesse tempo até se conhecerem no grupo, a partir daí as participantes, envolveram-se no tempo. E na partilha final, foi unânime a fala que a maior parte do tempo de cada uma é dedicada à família, filhos, mas que aquele momento novo das vivências era um espaço somente delas, estavam conquistando novas amizades, dedicaram um tempo a uma escuta em grupo que era levado a sério e com reflexões sensíveis. Nesse momento percebi que o encontro aberto, amplia a fala das participantes é importante dar essa oportunidade, pois a arteterapia acende chamas que estavam dormentes e em alguns momentos é importante verbalizar o que sente. Nesta reta final os encontros estão sendo de mobilização e preparo para o encerramento desse ciclo."

Encontro 19:

Nesta penúltima vivência com o chaveiro do amor, foi percebido esse lugar sagrado do encontro dessas mulheres. Chegaram em busca da escuta, mas ali não era mais uma escuta individual e sim a escuta da acolhida, confiança e da reflexão coletiva. Fazer o chaveiro, poder levar para casa, foi o simbolismo mais representativo naquele momento. Participação feminina, vontade de aprender, fazer e olhar o outro.

“Esse encontro foi muito bonito, marcado pela cooperação e finitude. Tudo tem um começo e fim, e o grupo já estava pronto para isso, aquele ciclo estava encerrando-se, às vivências arteterapêuticas foram importantes na história do grupo. E a cada produção chaveiro do amor, falamos sobre intimidade, amizades e memórias. As mulheres participantes produziram com muito carinho o chaveiro. E por fim carregaram para casa, simbolizando as vivências que construímos.

Um encontro marcado de carinho e risadas, não houve dores, dúvidas, sinais de tristezas. Houve vínculo, reconhecimento e troca de olhares. A cada chaveiro que fizemos, passado pelas mãos das participantes, dava a sensação de dever cumprido, que um novo momento estava acontecendo, ali por diante tudo poderia ser novo, olhares sensíveis a cada momento.”

Encerramento - Encontro 20:

Chegado o último encontro, o espaço foi aberto com o encontro das atividades realizadas durante o processo do grupo. As participantes reconheceram as atividades e comentaram como havia chegado naquele resultado. Cada uma que ali estava, ficava feliz em dizer que tudo estava lindo, e que o melhor era saber o quanto estavam fortes. Por fim nos reunimos em cadeiras para falar abertamente como foi o processo para cada uma. A coordenadora Renata estava presente e disse que o grupo continuaria, isso foi uma felicidade imensa para todas, pois todas as mulheres que ali estavam ou outras que poderiam participar, tinham o desejo da escuta e que aquele espaço era digno para isso acontecer. Foi uma tarde de emoções afloradas, reconhecimento direcionado e o mais importante, o papel do grupo estava estruturado, a escuta e fala tinha espaço para acontecer. Por fim, as mães participantes acolheram suas atividades, recolheram e guardaram para levar para casa, depois tomamos um café coletivo cheio de carinho, risadas, confidências e afeto.”

Atividades e Resultado das vivências arteterapêuticas:

Encontro 01 - colagem



Encontro 10



Encontro 16



Encontro 20



DISCUSSÃO

Através dos encontros propostos, cada participante vivenciou o papel da escuta e da fala. O encontro 03, proporcionou a simbologia das imagens através de uma colagem. O resultado apresentado foi o ponto crucial da partilha e da escuta. Observar sem julgamentos. A participante Priscila teve medo de mostrar sua colagem, mas a história personificada da figura de Frida libertou suas amarras do medo inicial.

Com a sua propensão de criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais. A história interligada da religião e da arte, que remonta aos tempos pré-históricos, é o registro deixado por nossos antepassados dos símbolos que tiveram especial significação para eles e que, de alguma forma os emocionaram.

O momento das vivências demarcou territórios de esperança e do autocuidado do que era feito, o significado de cada símbolo era a principal ideia de como o tratamento deveria reverberar para além do externo. O Encontro 06, mostrou que cada contexto não depende só da historicidade, mas também dos sonhos que continuam a fazer a máquina humana a vigorar. A linha da vida, é um trabalho terapêutico, mas acima de tudo é o encontro pontual com suas individualidades, a parte que cabe somente ao seu momento e seu caminho.

A mulher do século XXI, narra sua própria história, é necessário encontrar mais espaços de investigação desse solo sagrado. O Encontro 10, foi o apogeu do vínculo grupal, sentido através das histórias compartilhadas. A participante Maria Inês não teve medo em dizer: “- Estou aqui por mim e não pelo meu filho ou meu marido”. Se pensarmos nesse conceito no contexto do grupo, percebemos que o agir criativo grupal apresenta-se como uma oportunidade para que os participantes se vivenciem na relação com o ouro no fazer.

A cada conquista pessoal, era percebido o espaço pessoal de cada participante a Participante Tais Salim, compartilhou: “vou sair da casa da minha mãe, preciso seguir minha vida, para escutar minha filha, ela também precisa entender que tem responsabilidade comigo e com ela.” O que liberta cada mulher, é perceber seu território interior, fazer se conhecer, entender seu contexto e seu cotidiano.

De maneira irônica, várias pessoas pressupõem que qualquer lar é automaticamente matriarcal quando a mulher é chefe de família. Na realidade, mulheres chefes da família na sociedade patriarcal, com frequência, sentem-se culpadas pela ausência de uma figura masculina e ficam superatentas à comunicação de valores sexistas para as crianças, principalmente para os garotos. Há pouco tempo, especialistas conservadores responderam a uma série de atos violentos perpetrados por jovens garotos de todas as classes e raças, sugerindo que mulheres solteiras não conseguem criar meninos saudáveis. Isso simplesmente não é verdade. Fatos comprovam que alguns dos mais amorosos e poderosos homens em nossa sociedade foram criados por mulheres solteiras.

Não há grande importante qual o local que hoje as mulheres conquistem seu espaço, ela precisa ser valorizada, a escuta e as vivências arteterapêuticas, ampliaram esse olhar acerca de uma atenção especial às mães do CAPS que precisam ser escutadas a cada instante, mostrar sua valorização. Ser mãe é uma responsabilidade importante e sagrada, uma missão para alinhar com outras missões da mulher, importante entender que o grupo social reproduz muito o que cada indivíduo será, foi importante apresentar a essas mães que indiferente da realidade de cada uma elas são capazes e formadoras de opinião a todo instante.

Crianças precisam ser educadas em ambientes amorosos. Sempre que a dominação estiver presente, faltará amor. Mães e pais amáveis, sejam solteiros ou casais, gays ou heterossexuais, sendo a mulher ou o homem chefe da família, têm mais probabilidade de criar crianças saudáveis e felizes, com boa autoestima.

O encontro 16, realçou a importância da mulher e seu lugar espiritual, respeitar seu tempo, sem dependência da noção do espaço ou do tempo, afirmar suas próprias ideias, contrapor suas relações, compreendendo o seu momento biológico, o tempo espiritual e individual. O encontro ampliou a escuta além da superficialidade moral, mas também do respeito interior.

A espiritualidade feminista criou um espaço para todo mundo questionar antiquados sistemas de crenças e criar caminhos. Representar deus de diversas maneiras, restaurar nosso respeito pelo sagrado feminino tem nos ajudado a encontrar maneiras de afirmar e/ou reafirmar a importância da vida espiritual.

Sendo assim o encontro final, possibilitou a conexão do poder feminino do solo sagrado da autoestima, não se trata de recuar; é uma questão de criar escolhas. Hoje, muitas mulheres fazem um balanço da sua situação expressando a sensação de terem sido traídas: “De que me serve tudo isso? Por que me sinto tão vazia? Alcancei todos os objetivos que estabeleci para mim mesma, mas ainda falta alguma coisa. Eu me sinto vendida, sinto que me trai, que renunciar alguma parte de mim mesma que nem sei qual é.

Esse encontro trouxe muitas reflexões, que foram externadas, a cada trabalho realizado, a cada símbolo recorrente em cada trabalho, aquelas mulheres, mães, femininas saíam com muitos questionamentos, mas a pergunta mais importante já estava respondida. Elas não estavam sozinhas, elas não eram mães solas neste universo, havia ali uma demonstração de muitas experiências relatadas de mulheres que tinham trabalhos, filhos, casas diferentes, mas em alguns momentos suas histórias encontravam pontos de partida. Era atravessado o amor pela mulher em transformação que se encontravam. A heroína que habitava cada uma, estava adormecida, mas a partir daquele encerramento do ciclo, havia renascido como uma fênix. Muitas inspirações e acima de tudo uma forma feminina e grupal acendeu naquele que era só o início de uma jornada.

Dessa forma emerge um fenômeno, inconsciente, invisível. E é para esse fenômeno que o terapeuta deve aguçar sua mais refinada escuta. Quando um grupo se forma, torna-se um organismo vivo, com características peculiares e uma identidade própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação arteterapêutica, possibilitou diferentes formas de agir, sensibilizar e encontrar novas formas de expressar as dores, feridas e partir para o novo. Esse movimento só acontece pois o agente principal é a sensibilidade artística. Ela mobiliza, potencializa e o mais importante: modifica o espaço interior, esse território tão imenso e muitas vezes inacessível.

Falar dos artistas, das expressões e suas obras, de forma indireta, auxiliou no vínculo do grupo, foi percebido o quanto não há julgamento no espaço terapêutico. A arte é uma ferramenta poderosa, e simbolicamente entramos em contato com o nosso inconsciente, dilatamos nossas percepções, enxergamos e nos simpatizamos com a dor do outro. Muito além das palavras, foi possível observar através das mandalas, pinturas, modelagens, performances, como a virtude artística mobilizou o grupo de mães ao encontro da fluidez da fala e a valorização do seu papel como mulher/mãe, do olhar para si e depois para o outro.

E entender que existem novas formas de lutar e encarar a realidade. Essa experiência modificou o meu interior como arteterapeuta, educadora, mãe e ouvinte. Foi uma semente plantada, mas que torço por muitos frutos e o belo renascer de cada estação. E naturalmente, desejo renascer a cada momento e aprender com vivências tão fortes como essa, realizada durante essa experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COQUEIRO, Neusa Freire. **Arterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental**. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/>.

Acesso em: 25.abr.2023.

COSTA, Fabiana Alves. **Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares**. 2018. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986>.

Acesso em: 12.abr.2023.

FIGUEIREDO, Rogéria Rodrigues. **A criação e o espaço do brincar em arterapia**. 2011. Disponível em:

http://www1.pucminas.br/documentos/dissertavao_rogeria_rodrigues.pdf. Acesso em:

22.abr.2023.

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos**. 2016.

QUEDNAU, Fernanda Sutoff. **O conflito entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna**. 2007. Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2678/2/20434780.pdf>.

Acesso em: 20.abr.2023.

REIS, Alice Casanova. **Arterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo**. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/>.

Acesso em: 10.abr.2023.